

## NARRADORES NO PROJETO LITERÁRIO DE BERNARDO CARVALHO

ADRIANO BELMUDES ANTUNES<sup>1</sup>; autor; AULUS MANDAGARÁ MARTINS<sup>2</sup>;  
orientador

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – recuperandoadriano@yahoo.com.br*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A presença de personagens ou narradores cuja profissão seja escritor, crítico de arte, de teatro, jornalista, artista, etc. é um expediente comum na literatura brasileira contemporânea e serve prioritariamente para discutir no texto a relação dos limites do romance, suas possibilidades enquanto criação artística, a relação entre o real e a ficção, bem como o papel do escritor e da ficção na sociedade conforme já discutido por DALCASTAGNÈ e PEREIRA.

A apropriação de discursos de outros campos fora da literatura e utilização de recursos narrativos como reportagens e fragmentos biográficos em *Nove noites*; pesquisa acadêmica, psicologia e diários em *Mongólia*; relatos de viagem e interrogatório policial em *Reprodução*; cartas e depoimentos em *O sol se põe em São Paulo*; para ficar nos exemplos mais cristalinos são uma das constantes nas obras de Bernardo Carvalho.

Nessa comunicação temos em mente comparar alguns dos narradores encontrados na produção recente de Carvalho de modo a estabelecer semelhanças e diferenças que possibilitem apontar para a constituição de um projeto literário do autor ao mesmo tempo em que visa discutir o papel da literatura e do fazer literário em suas obras.

### 2. METODOLOGIA

Em *Mongólia* há um narrador que ordena, organiza e sistematiza o material encontrado tais como diários, mapas e relatórios. Este narrador conhecido como diplomata por haver exercido esta função até a aposentadoria, acalenta o sonho de escrever, de fazer literatura. Ao colocar mãos à obra e dar início ao relato, assume ao final essa condição de escritor.

Em *O sol se põe em São Paulo* o narrador é alguém que também ambiciona ser escritor. Seu desejo é expresso em retrospectiva ao comparar seu presente com seu passado de estudante junto com sua turma de faculdade:

Só dez anos depois de uma daquelas noites, na qual a discussão tinha girado em torno da minha pífia ambição de escritor (que hoje me causaria grande embaraço se por uma infelicidade eu viesse a reencontrar um daqueles colegas e lhe fosse permitido constatar o que virei, embora saiba que eles também não se saíram muito melhor) (CARVALHO, 2007, p. 12).

Sua formação acadêmica é na área de letras. E assim como o narrador diplomata em *Mongólia* e o estudante de chinês em *Reprodução* seu estado civil é divorciado.

Quanto à situação laboral todos narradores estão fora do mercado de trabalho. O narrador principal em *Mongólia* está aposentado e os demais em *O sol se põe em São Paulo* e *Reprodução* estão desempregados.

Há marcas nas narrativas, maior em *O sol se põe em São Paulo* e *Reprodução* e menor em *Mongólia*, que permitem inferir um descontentamento com o trabalho desempenhado. Nesse caso, o fato de acalentar o sonho de se tornar literato funcionaria como um antídoto contra o tédio de um trabalho alienante e para o qual os narradores não se sentem motivados. Paralelo a isso há uma tentativa de busca de resolução de um enigma, tal como numa trama detivesca, para poder resinificar a si mesmo enquanto indivíduo e dar um sentido a sua própria existência.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os textos de Carvalho aqui analisados são histórias de buscas. O narrador é alguém que empreende uma busca da qual não tem um interesse imediato, no sentido de obtenção de uma vantagem material, exceção *Mongólia* em que o narrador chamado de Ocidental tem um parentesco com o turista perdido e obedece às ordens do Itamaraty. Em *Reprodução* a busca é por dominar a língua chinesa para assim poder se comunicar, interagir e se integrar com os outros de modo a romper seu isolamento, isso levará o narrador à China com a missão de entregar uma criança.

Em *O sol se põe em São Paulo* o narrador não possui nem ao menos uma referência que o possibilite identificar como ocorre com o diplomata ou o estudante de chinês como nos outros romances. Sua tarefa enquanto narrador é mais difícil e mais elaborada, pois está muito próximo da experiência narrada, tanto temporalmente, a contar da sua primeira entrevista com Setsuko até sua ida ao Japão, quanto emocionalmente pela sua descendência japonesa dos eventos que se propõe recontar. Havendo também como parte da busca seu interesse enquanto indivíduo em reestabelecer os seus laços de parentesco, como parte dessa estratégia, visita sua irmã que foi para o Japão. Tal narrador próximo afetivamente lida com as memórias dos outros e as suas para construção da narrativa.

Em *Reprodução* o personagem estudante de chinês não tem aspirações de se tornar um literato, mas teve acesso a uma educação formal, embora não saibamos se possui formação superior. Sua busca não é transformar uma experiência passada em romance ou desvendar mistérios de modo acertar contas com o passado, entretanto, mesmo não estando atrás de uma história para ser escrita, o que está em jogo é a capacidade de sair do labirinto, mediante a necessidade de encontrar um fio de uma verdade ordenadora algo que dê sentido e significado para sua existência.

Em parte, essa falta de formação literária do estudante de chinês em *Reprodução* se justifica quando Bernardo Carvalho afirma na entrevista para Adenize Franco:

[...] eu estava tão saturado de referência literárias depois de *O sol se põe em São Paulo* que eu queria fazer um livro em que os personagens fossem completamente ignorantes em literatura. Que os personagens não lessem nada e que não tivesse nenhuma referência literária (FRANCO, 2013, p.238).

Ao fazer este rápido balanço comparativo entre os narradores dos textos utilizados e revelando-se quanto sujeitos que possuindo ambições sejam elas literárias ou de se integrar numa outra cultura, os narradores procuram acima de tudo resolver enigmas e indagações propostas pela natureza da trama detetivesca na qual estão imersos.

Dessa tentativa de solucionar o mistério é o que fará com que obtenham algum sentido para suas existências, já que em outras áreas como os laços familiares, casamento e trabalho os narradores não conseguem as respostas para seus dramas existenciais.

#### 4. CONCLUSÕES

Da busca empreendida pelos narradores que resulta na concretização do sonho de ser escritor em *O sol se põe em São Paulo* e *Mongólia* há algumas distinções a serem feitas.

O narrador diplomata em *Mongólia* se contenta descrever seu processo criativo apenas como transcrição, paráfrase e opinião pessoal quando nos apresenta sua obra. Essa modéstia em que define como sendo um texto e não um romance é assim apresentada: “A bem dizer, não fiz mais do que transcrever e parafrasear os diários, e a eles acrescentar a minha opinião.” (CARVALHO, 2003, p.182).

A principal diferença entre os narradores consiste em que em *O sol se põe sobre São Paulo* já nos apresenta um narrador que está realizando um processo de escrita, desejo que acalentava desde a faculdade e que transparece claramente nas entrevistas mantidas com Setsuko. Esse processo de escrita literária empreendido pelo narrador fica claro em inúmeras passagens, tais como: “Eu não podia deixar de pensar na tarefa que a própria Setsuko agora me propunha, enquanto eu anotava o que ela dizia.” (CARVALHO, 2007, p. 80); “O meu romance começa aqui. Quando voltei na semana seguinte, para nosso quarto encontro, a casa de Setsuko já não existia.” (Idem, p. 95); ou no diálogo mantido entre o narrador e o personagem encarregado de liquidar as finanças de Setsuko onde o narrador recebe uma quantia em dinheiro “Era o pagamento pelo romance que eu devia escrever.” (Idem, p. 96). O leitor dessa forma é em várias partes lembrado que está sendo construído um texto literário.

A proliferação destas marcas permite encetar a discussão sobre o ato de escrever e mediante o uso da metalinguagem do papel da ficcionalização do real presente no livro.

Em *Mongólia* há a consciência de um narrador que escreve algo, realizando um projeto mesmo que ninguém vá ler. Seu projeto é expresso logo nas primeiras páginas: “Não me resta muito a fazer senão protelar mais uma vez o projeto de escritor que venho adiando desde que entrei para o Itamaraty aos vinte e cinco anos” (CARVALHO, 2003, p. 11). Sua consciência, no instante em que se dá conta de haver concluído a tarefa, se dá somente ao final, não havendo referências durante o texto que um livro está sendo escrito.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, Bernardo. **Mongólia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARVALHO, Bernardo. **O sol se põe em São Paulo**. Lisboa: Edições Cotovia, 2007.
- CARVALHO, Bernardo. **Reprodução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CHAGAS, Pedro Dolabela e DOS SANTOS, Dárley Suany Leite. **O narrador e a paisagem: Milton Hatoum, Bernardo Carvalho e o fim do projeto literário de uma literatura nacional**. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s231640182015000200343&lng=pt&nrm=150-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s231640182015000200343&lng=pt&nrm=150-)
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Uma voz do social, representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea**. Estudos de literatura brasileira contemporânea. Acessado em 25 jul. 2016. Online. disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2214/1773>
- FRANCO, Adenize Aparecida. **Labirintos perdidos: ficção contemporânea em transito nos romances de Bernardo Carvalho e Francisco José Viegas (2000/2010)** 2013 Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
- PEREIRA, Helena Bonito. Exercícios críticos na contemporaneidade. In: PEREIRA, Helena Bonito (org) **Ficção Brasileira no século XXI: terceiras leituras**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2013.
- SOUZA, Sandra. “Conheces o nome que te deram, não conheces o nome que tens”. A questão identitária do nome próprio e a experiência nipo-brasileira em *O sol se põe em São Paulo* de Bernardo Carvalho. **Revista Iberoamericana**. Vol LXXVI. Número 230 Enero-Marzo 2010, pp.187-199.
- VIEIRA, Yara Frateschi. Refração e iluminação em Bernardo Carvalho. In: **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, número 70, novembro 2004, pp.195-206.